

SOCIOLOGIA, LITERATURA E IMAGINÁRIO EM UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Professor AILTON SIQUEIRA de Sousa Fonseca
(Entrevista *on line* realizada por Mércia Maria de Santi Estácio, aluna do Mestrado do PPGCS/UFRN).

AILTON SIQUEIRA DE SOUSA FONSECA nasceu em Afonso Bezerra-RN. É Graduado em Ciências Sociais pela UERN. Mestre em Ciências Sociais pela UFRN. Doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC/SP. Atualmente coordena o Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e é membro do GRECOM/UFRN e professor de Sociologia e Antropologia no Departamento de Ciências Sociais, na UERN, nesta entrevista Prof^o AILTON SIQUEIRA de Sousa Fonseca

REVISTA INTER-LEGERE: Fale-nos um pouco sobre a sociologia da literatura, considerando autores clássicos, como Walter Benjamin, Georg Lukács, Antonio Candido, e sua própria experiência na área.

AILTON SIQUEIRA: Essa sociologia da literatura, da qual falamos, já foi ensaiada, sem dúvidas, por Georg Lukács, Benjamin e Antonio Candido. Lukács tomou o romance do século XIX quase como um termômetro definidor do realismo. Em *A teoria do romance*, ele compreende o romance como uma epopeia da realidade burguesa emergente. Mesmo que, posteriormente, o autor tenha renegado essa sua obra, esse livro ainda é considerado um marco na estética contemporânea. Na concepção de Lukács, o romance não passava de um produto histórico que buscava expressar realidades também históricas e não elementos universais, atemporais, a condição humana. Por sua vez, a literatura era um meio de denunciar e expor os conflitos, as contradições e dinâmicas sociais da época capitalista. A literatura seria um “espelho”, um “retrato” da realidade social, pois mostraria ao homem aquilo que estava fora dele e que ele não percebia facilmente, ou seja, a literatura teria quase a mesma função de uma ciência marxista, revolucionária: mostrar as relações societárias e transformá-las. É exatamente neste contexto que a ideia de literatura engajada penetra e se enraíza entre os escritores e, principalmente, nas Ciências Sociais. A literatura seria usada, aqui, como um documento social para

consulta ou pesquisa científica. Aqui no Brasil, os estudos e investigações de Antonio Candido tornaram-se, sem dúvida, uma referência para as pesquisas na área da Teoria Literária e nas Ciências Sociais. Seus trabalhos mostram a pertinência teórica e metodológica de reflexões que investem na relação entre sociedade e literatura. O escritor Ítalo Calvino diz: “há coisas que somente a literatura com seus meios específicos pode nos dar”. Penso que Walter Benjamin foi um dos pensadores que soube perceber na literatura coisas específicas para se pensar sobre a realidade moderna de uma forma que, talvez, a ciência da época não pudesse ressaltar. Aqui, a literatura é considerada um objeto de estudo como qualquer outro que o cientista social elege para refletir sobre o mundo, a realidade, a cultura, o ser humano. É assim que Benjamin percebe a obra de Baudelaire. Com sua grande sensibilidade perceptiva, ele viu nessa obra uma fonte primordial, complexa, original para compreender a relação entre homem e modernidade, entre o tempo e o espaço. Em suas reflexões sobre as paisagens, Benjamin faz uma poética e apaixonante leitura das transformações urbanas no cenário parisiense de meados do século XIX, leitura que até hoje continua atual porque, no fundo, aquelas paisagens ultrapassam o universo citadino de Paris. Sua leitura serve, sem dúvida, para se ler outras cidades, outras paisagens urbanas que, simultaneamente, são as mesmas e sempre outras. Talvez a Paris de Benjamin esteja em qualquer cidade do mundo, assim como qualquer cidade do planeta possa se encontrar em Paris. Percebemos, portanto, que há duas maneiras de trabalhar com a literatura nas Ciências Sociais. Uma é usar os textos literários como fonte de consulta às reflexões sociológicas, políticas, antropológicas. Neste caso, a obra literária não é o foco principal da investigação e sim um documento a mais para ajudar a reflexão compreensiva. A outra maneira é recorrer à literatura como fonte primordial, como objeto de estudo, de pesquisa, assim como o fez Benjamin, por exemplo. É pertinente ressaltar que mesmo já estabelecida a relação entre literatura e sociedade, entre literatura e Ciências Sociais, esta relação ainda não é bem compreendida por áreas específicas dessas ciências. Ainda existe um certo pensamento que considera o estudo da literatura nas Ciências Sociais como algo não científico. Dizem que é por meio da linguagem que o escritor se apropria do mundo e o inventa, atribuindo à literatura a simplista e reducionista condição de ficção, ilusão, afastada da realidade. É realmente verdade que o escritor se apropria do mundo por meio da linguagem, assim como fazemos todos nós, até mesmo a

ciência mais tradicional. O escritor se apropria do mundo por meio da linguagem, mas não inventa a linguagem, porque esta é uma construção sociocultural, é uma realidade portadora e atribuidora de sentidos diversos. O escritor se apropria apenas de uma forma específica de linguagem para atingir aquilo que as formas convencionais de pensar não conseguem alcançar. Essa questão da linguagem é importante tanto para o escritor, como para o cientista social porque todos nós só conhecemos aquilo que as palavras permitem, só sabemos o que as palavras sabem, o que nos dizem. Seja na literatura ou na ciência, a apropriação da realidade se dá por meios específicos da linguagem que decodifica a própria realidade, codificando-a. A linguagem se apropria do mundo que, por sua vez, se apropria da linguagem, numa relação dialógica. Há alguns anos venho investindo esforços práticos e cognitivos, trabalhando com a literatura nas Ciências Sociais, considerando-a como um objeto portador de um complexo conhecimento implicado sobre o ser e o mundo. Recorro à literatura como fonte primordial, portadora de aspectos da nossa realidade, de nossa condição de ser-no-mundo, aspectos e condições que são também objetos das Ciências Sociais. Penso que a literatura nunca é somente literatura. Com seu complexo conhecimento implicado, ela pode gerar conhecimento de si e consciência do mundo. Grandes pensadores, como Marx, Freud, Jung, Morin e Einstein, nutriram seu pensamento em obras literárias. A literatura é extremamente relevante para a formação humana, para a gestação de um pensamento aberto, gestor de criatividade, insinuador de outra lógica de raciocínio e compreensão nas Ciências Sociais.

REVISTA INTER-LEGERE: Dentro da teoria da complexidade com quais autores o senhor se identifica ou mais dialoga? Por quê?

AILTON SIQUEIRA: Não existe um ou dois autores com os quais eu dialogo. Recorro aos autores a partir das minhas necessidades e não a partir de minha vaidade. Por isso que não tenho um único autor para destacá-lo. Há vários, porque para mim a complexidade das coisas não pode ser traduzida apenas por um, dois ou três autores, por mais pertinentes que sejam. Destaco um conjunto de autores que mais frequentemente está presente em meus diálogos, em minhas leituras sobre a realidade. Dialogo constantemente com teóricos, como Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Ilya Prigogine, Claude Lévi-Strauss, Gaston Bachelard, Jean-Yves

Leloup, Boris Cyrulnik, e, ao mesmo tempo, com escritores, como Clarice Lispector, Ítalo Calvino, Paul Valéry, Machado de Assis, Michel Camus, Lawrence e mais recentemente com Ernesto Sabato. Para mim, estes autores (da ciência e da literatura) se complementam porque todos eles estão comprometidos com a apreensão da complexa e inesgotável realidade. Contudo, são apreensões feitas por outra lógica de pensamento que questiona os limites da lógica cartesiana de compreensão do mundo. São cientistas e escritores que encaram o desafio de pensar complexo para estar à altura do que exige a realidade contemporânea. A complexidade traz perguntas extremamente desafiadoras e cada uma revela várias outras perguntas implícitas na pergunta original. Isto mostra que a complexidade não é reducionista, pois trabalha com a pluralidade dos fenômenos e investe na escuta poética do mundo, o qual se revela cada vez mais polifônico, composto por muitas vozes, um coral. O problema é que muitas vezes esse coral não é ouvido porque nossa escuta é sempre disciplinar demais, muito domesticada, muito restrita, condicionada e, assim, nosso “objeto” não diz nada mais do que as teorias que tentam traduzi-lo. Não se percebe que a consciência ao interrogar o real, este responde com várias respostas que, por sua vez, questionam a própria consciência questionadora. O exercício da escuta é importante porque a realidade é uma teia complexa de fenômenos e significados, todos em correspondências simultâneas, o que significa dizer que não se pode pesquisar ou estudar algo separado do todo, do qual ele faz parte. Como disse o poeta Roberto Juarroz: se todas as coisas mantêm correspondências, se todas as coisas se unem umas às outras, para entender bem o que diz uma dessas vozes é necessário escutar todas as outras. É exatamente por isso que penso ser importante ouvir bem as vozes de nosso “objeto” e fazê-lo dialogar com outras vozes para alcançarmos uma compreensão maior da teia na qual ele está inserido. Certa vez o filósofo e poeta Michel Random disse: “falta-nos algo mais, um olhar diferente, que vá mais fundo, mais longe e mesmo mais alto, um olhar ao mesmo tempo holístico e transdisciplinar”. Acredito que a complexidade expressa e sintetiza esse olhar: mais profundo, mais longe, mais alto, transdisciplinar. Crítico e autocrítico, esse olhar também busca se ver nas coisas que ele vê, tenta conhecer e se conhecer por meio do conhecimento obtido. Uma forma de construir um conhecimento mais pertinente sobre as coisas. O pensamento complexo tem essa capacidade de interrogar incessantemente a realidade e a si mesmo. Ele só pode existir na abertura, na escuta e no diálogo, uma tentativa de

não ficar cego por meio da clareza (cegueira do conhecimento), de não monologar consigo mesmo (fechado em alguns autores, conceitos e disciplina) e de não ficar surdo para as vozes que cantam ao seu lado.

REVISTA INTER-LEGERE: Em sua tese de doutorado, o senhor desenvolveu uma temática com base em Clarice Lispector. Qual foi a temática? Por que essa escolha? E como o senhor a desenvolveu?

AILTON SIQUEIRA: Em meu doutorado pesquisei a vida e obra da escritora Clarice Lispector para compreender a condição do *anthopus* em sua complexidade constitutiva. A antropologia estuda as manifestações e a condição desse *anthopus*. Mas meu interesse pela condição humana me aproximou mais da literatura do que dos estudos tradicionais da antropologia culturalista ou relativista. Primeiramente, escolhi a literatura por ela conter uma reflexão profunda sobre o homem em sua universalidade. Com sua linguagem específica, ela nos coloca em comunicação com a natureza humana, com o mistério que somos, com o indizível que nos faz, com o que está além da razão instrumental. Depois, escolhi a obra clariceana porque ela sempre foi uma paixão pessoal, fonte de muita curiosidade e matéria de reflexão. A obra dessa escritora sempre me colocava, por um lado, diante dos paradoxos e ambiguidades constitutivas não somente da linguagem, mas da realidade circundante, da vida, da nossa condição humana. Por outro, colocava-me diante de algumas das grandes questões antropogênicas próprias da sociologia, da filosofia e da antropologia, ou seja: “quem somos nós?”, “quem sou eu?”, “quem é o homem?”, “como o homem se faz homem?”, questionamentos que dizem respeito à nossa condição sociocultural, psicoexistencial, bem como à nossa maneira de ser-no-mundo, ser com-o-outro. Essas questões me colocaram no cerne de uma antropologia fundamental, da qual fala Edgar Morin. Em uma palavra: a obra dessa escritora é uma profunda e complexa reflexão sobre a realidade cotidiana e um mergulho profundo e introspectivo nos mistérios da condição do ser. Aborda diretamente o ser-em-si, a raiz ancestral da humanidade: homem-arquetípico, soterrado pelas convenções societárias, tão mascarado pelas formas culturais de ser e pensar que já perdeu sua verdadeira face. Clarice coloca seus personagens ou o homem diante do desafio do “conhece-te a ti mesmo”, como condição primeira e principal para o conhecimento da realidade: o despertar da consciência filosófica

dentro do mundo da cultura cotidiana. Com sua escrita quase “arqueológica”, ela também coloca o homem diante do começo de si mesmo, como quem obriga uma pessoa a olhar os descaminhos que o construíram. Em sua cosmovisão, a realidade tem que ser colhida na raiz por uma grande sensibilidade inteligente. Para ela, “a coisa” vem antes da metodologia que a explica. Sua obra tem essa força de “começo”. Outra coisa bastante interessante é que, em suas tramas, as coisas estão sempre se fazendo. Suas narrativas são erráticas, como se estivessem em busca da origem ou dos princípios das coisas, algo que lembra a busca do elemento primário na filosofia pré-socrática, um retorno mito-poético às fontes, às raízes do ser, da vida, às origens do pensamento e do amor. Por meio da escrita, Clarice escava a realidade que a razão instrumental e cartesiana não consegue atingir. A própria Clarice disse inúmeras vezes: “escrevo como quem escava, como quem procura. Escrever é procurar”. Escrever é, portanto, um método, uma estratégia não somente de criação, mas de descobrimento. Nessa busca, a escritora se depara com a inominável e misteriosa beleza do ser, com a complexa condição humana que está para além dos rigores disciplinares e racionalizações, ao mesmo tempo em que está ameaçada pela desumanização do mundo moderno. Minha tese parte do romance *A maçã no escuro*, como objeto, delimitação, mas transita pela obra completa da escritora. Parto desse romance porque é nele que podemos melhor perceber o homem inaugurando a odisséia de si mesmo. Martim, o protagonista, é esse homem a partir do qual foi possível passear pela obra da escritora e dialogar com outros personagens criados por ela. Martim é um personagem arquetípico. Esse romance é considerado um “romance-núcleo”, no qual o sujeito vive o problema antropológico de se refazer pela raiz, de se tornar o que é. O título da minha tese é: *A odisséia de si: reconstrução do homem em Clarice Lispector*. A tese, portanto, está organizada em torno das experiências de Martim, esse personagem cujas experiências se apresentam de forma contínua e descontínua, experiências comuns a todos os outros personagens clariceanos, assim como a todos os seres humanos. A tese ainda não foi publicada, mas já está disponível na biblioteca da PUC/SP e no site dessa universidade.

REVISTA INTER-LEGERE: O imaginário é uma das áreas de pesquisa, em que o senhor atua. Como aconteceu seu interesse por esse campo do conhecimento?

AILTON SIQUEIRA: Meu interesse inicial veio quando comecei a perceber que a base das relações humanas era fundada em sentidos ou na busca pelo sentido; que a estrutura de toda atividade humana vem do fato que os seres humanos visam a um sentido para suas ações, a partir do qual guiam suas condutas e suas relações com os outros e com o meio em que vivem, mas, uma vez assim constituídos, esses sentidos retroagem sobre quem os criou. Max Weber foi um dos primeiros sociólogos a perceber essa teia de significados que o indivíduo constrói para se construir com ela um dos primeiros pensadores a perceber a força das motivações profundas que animam as sociedades e a vida dos sujeitos. A sociedade, a cultura, o mundo seriam uma teia de sentidos produzidos pelos próprios indivíduos, na tentativa de construir um universo singular, cujas referências permitam se comunicar, elaborar uma identidade e definir suas relações com o mesmo e com o diferente. Ao contrário do que se pensa, o imaginário não é uma mera faculdade psicológica produtora de ilusões e quimeras, de sonhos e ficções. É sim uma atividade total do homem que tenta reorganizar o mundo circundante ajustando-o às suas pulsões, interesses, necessidades, conflitos e significados. Portanto, o imaginário exprime uma dimensão importante e profunda da condição do ser-no-mundo e das relações que o sujeito mantém com o mundo. É por meio dele que se torna possível perceber as maneiras de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, de significar, de valorizar, de fazer, ou seja, o imaginário aborda aspectos profundos da realidade sociocultural. É por meio dele que a condição humana expressa seus paradoxos e ambiguidades constitutivos. É por meio do seu imaginário que um grupo percebe a si mesmo e atribui significados societários à sua posição na realidade. É bom ressaltar que o imaginário não é uma disciplina nem um objeto de estudo fixo, disciplinar. É algo que até o momento não se codificou ou se conseguiu colocá-lo numa caixa específica do saber. Quando se trata de definir o imaginário, nos deparamos, ao mesmo tempo, com um excesso e uma insuficiência das definições sobre ele. O mais correto seria dizer que o imaginário é uma palavra-chave, cuja definição jamais se conclui. É possível encontrá-lo em todas as realidades, em todos os ramos do saber e expressões humanas. Já há trabalhos científicos de uma *Sociologia do Imaginário* que mostram o quanto Marx e Engels, Durkheim, Freud, Mannheim e Simmel levaram em consideração aspectos do imaginário para elaborarem seus pensamentos. O estudo desse campo de reflexão é tão fundamental na sociologia quanto na antropologia, na psicologia, na política,

na história, na teoria literária etc. Não há mais disciplinaridade quando se trata do estudo do complexo imaginário. Em uma entrevista concedida a Michel Random, Gilbert Durand diz que o imaginário também pode significar abertura, criatividade, valores fundamentais. Penso que uma das coisas mais importantes que os estudos da complexidade e do imaginário têm mostrado é a incerteza ou a imprecisão constantes das teorias que tratam do fenômeno humano de forma unitária, fechada, fragmentada. As abordagens monodeterministas se mostram cada vez mais com menos validade científica. O imaginário pode ser um dos aspectos da vida social e humana por meio do qual se pode criar e recriar uma imagem de homem e de sociedade mais unificadora, mais humana. O homem alimenta o imaginário social e este o alimenta e o faz agir em um mundo que passa a ser coerente para si mesmo.

REVISTA INTER-LEGERE: Relate sua experiência na coordenação do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e da atividade dele decorrente: Encontro com Autores.

AILTON SIQUEIRA: O grupo foi criado em fevereiro de 2008, quando se juntaram, no Departamento de Ciências Sociais, professores que vinham de pós-graduação e que desenvolviam trabalhos de pesquisas em outros grupos, como, por exemplo, o GRECOM/UFRN, a Base de Pesquisa Cultura, Política e Educação/UFRN e o COMPLEXUS/PUC-SP. Nosso grupo é formado por professores mestres e doutores em Sociologia e Antropologia bem como por outros de Filosofia, Pedagogia e Enfermagem. Além também de alunos dos cursos de Letras, Física, Turismo, Direito e Comunicação Social. Isso tem dado discussões mais abertas, profundas e transdisciplinares. O grupo vem rigorosamente se reunindo quinzenalmente. Fazemos reuniões de estudos, orientações e discussões diversas. Os *Encontros com Autores* é uma atividade de extensão do grupo, do qual sou coordenador, juntamente com a professora Geovânia da Silva Toscano. Essa atividade já vem acontecendo desde 2008.1, sempre na última sexta-feira de cada mês, às 5 horas da tarde, na Livraria Potylivros, na cidade de Mossoró-RN. Na verdade, esse projeto já existe em São Paulo, no Grupo *Subjectum* (grupo de estudo sobre linguagem e constituição do sujeito), do qual eu ainda faço parte. Aqui na UERN, a ideia de lançarmos esse projeto surgiu quando percebemos que, sem diálogos com as artes e com a literatura seria impossível construirmos uma ciência mais humana e aberta.

Desde então, o grupo vem desenvolvendo e exercitando esses encontros por perceber nas artes e na literatura um conhecimento implicado com o qual as explicações científicas e humanísticas devem dialogar e apreender, seja por meio da metáfora, de imagens imaginadas, seja por inspirar ideias e conhecimentos poéticos mais criativos, mais originais. Como sempre acontece, para cada encontro, o grupo convida uma pessoa apaixonada por determinado escritor de literatura para falar sobre sua paixão literária. Geralmente essa pessoa convidada é também uma grande estudiosa da vida e obra do autor a ser apresentado. Assim, o apresentador relata sua descoberta, sua aprendizagem, seus diálogos, suas motivações, surpresas do conhecimento, interesses e paixões pelo escritor em foco. Em outras palavras: mostra seu encantamento e a sua leitura apaixonada. Nosso interesse pelo conhecimento nos fez perceber a importância capital da paixão como ampliadora das nossas lentes de leitura da realidade circundante, a paixão como construtora de novos conhecimentos sobre o ser, a vida e o próprio conhecimento. A cada encontro percebemos que o itinerário intelectual dos grandes poetas, cientistas, artistas e personalidades históricas está marcado por uma espécie de interesse apaixonado pelo próprio conhecimento. Esses eventos vêm se tornando, sem dúvida, uma ocasião importante para a escuta e para o diálogo com outras vozes, outros pensamentos menos domesticados pelas regras disciplinares da academia. Desse modo, poetas, escritores e artistas locais que sempre se fazem presentes, bem como estudantes, professores, jornalistas e comunicadores abertos a outras fontes de conhecimento, como a literatura, que, com seus meios específicos, estimula um conhecimento do ser e uma consciência de despertar. Até o momento já foram realizados sete encontros com autores: Machado de Assis, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Raduan Nassar, Fernando Pessoa, Mario Quintana, Ernesto Sabato. Esses encontros são filmados e editados em DVDs pelo Curso de Comunicação Social da UERN para, posteriormente, encaminhá-los às escolas públicas do ensino médio de Mossoró com o objetivo de incentivar a leitura, a descoberta da cidadania, a importância dos valores éticos e estéticos, a necessidade de novas visões humanísticas, bem como estimular a contemplação sensível da concretude da vida. O grupo aposta que é por meio de leituras apaixonadas e apaixonantes que é possível realimentar o “ofício” das grandes leituras, estimular a construção de uma ciência mais aberta à literatura, uma ciência menos metonímica e mais metafórica, ciência que permita o sujeito a se

reconhecer no conhecimento sobre seu objeto de estudo. Como sempre acontece, após a exposição e diálogo, as pessoas presentes vão para outros lugares para continuar a conversar sobre o autor. Isso reforça nossa tese de que uma leitura apaixonada é sempre apaixonante para quem escuta. Esse projeto demonstra que nosso grupo vem investindo esforços físicos e cognitivos na força do diálogo, na parceria, na síntese de saberes, na não-linearidade das visões acadêmicas e na abertura do pensamento, opondo-se, portanto, ao desenvolvimento unilateral da técnica, da quantificação, da análise e do conhecimento. Em nossa compreensão, esse projeto é mais do que uma semente semeada. Já é o enraizamento da semente de uma prática e de uma “(cons)ciência” que começa a nascer resistindo à aridez da academia. Em uma palavra, a especialidade de encontros como esses consiste na eficácia da abertura ao outro e da escuta de outras vozes, na aposta no diálogo e na troca de experiência do saber.